



UNICAMP

EVENTO:	CANADENSES UNEM TRADIÇÃO E MODERNIDADE
VEÍCULO:	ESTADO DE S.PAULO
DATA:	09/09/97
PÁGINA:	D4
SEÇÃO:	CADERNO 2



DANÇA

Canadenses unem tradição e modernidade

Les Grands Ballets Canadiens traz ao Brasil peça do século 19 e criações contemporâneas

HELENA KATZ
Especial para o Estado

Esta é a terceira vez que Les Grands Ballets Canadiens, de Montreal, a mais viajada das companhias de dança do Canadá, volta ao Brasil. Numa extensão da programação do evento Canadá nas Gerais, apresenta, no Teatro Municipal de São Paulo, hoje e amanhã, às 21 horas, e em Ribeirão Preto no sábado, quatro coreografias: *Concerto para Violino de Stravinski*, de Balanchine, o pas-de-deux de *Don Quixote*, Missa do Soldado, de Jiri Kylian, e *Na Floresta*, de Nacho Duato.

A escolha do programa já revela o perfil que sempre marcou a companhia: um repertório focado em balé, que não abandona a tradição do repertório do século 19, mas também investe na produção contemporânea.

Foi assim desde o início, quando ainda se chamava Les Ballets Chiriaeff, em 1956. Nascida em Riga, Letônia, filha do poeta Serge Gorny, Ludmilla Chiriaeff cresceu desfrutando da amizade de seu pai com Fokine (um dos mais importantes coreógrafos do início do século). Foi aluna de Alexandra Nicolaieva e dançou no Ballets Russes do Colonel de Basil.

Televisão — Emigrou para o Canadá em 1952 e lá começou trabalhando em tevê, na CBC. Bailarinos reuniram-se em torno dela e começaram a dar espetáculos. Em 1956, ela fundava o Les Ballets Chiriaeff e, em 1958, aos 64 anos, o rebatizava como Les Grands Ballets Canadiens.

"Mudei o nome para produzir uma companhia que vivesse depois de mim e mantivesse uma criatividade misturada a obras internacionais, porque desejo uma companhia que seja não uma voz política, mas sim uma voz cultural para o Canadá francês", declarou ela, na ocasião.

Ludmilla Chiriaeff nunca entendeu a existência de sua companhia independentemente da formação de seus bailarinos. Por isso, sempre cuidou de manter uma escola vinculada. Ela se chamava Académie des Grands Ballets Canadiens e, em 1970, foi transformada na École Supérieure de Danse, dedicada exclusivamente à formação profissional de bailarinos.

No Canadá, as companhias de balé foram criadas por quatro mulheres, consideradas as damas da dança canadense: Ludmilla Chiriaeff, do Les Grands Ballets Canadiens, e mais Gweneth Lloyd e Betty Farraly, que fundaram o Royal Winnipeg Ballet e Celia Franca, a criadora do National Ballet of Canada.

Restrições — Um dos fatos mais interessantes da história da consolidação do Les Grands Ballets Canadiens está na sua relação com a Igreja Católica da província de Quebec. Poderosa, aquela igreja não via com bons olhos a dança, de um modo geral. E exercia restrições bem específicas. Por exemplo: não tolerava ombros descobertos nas moças, que jamais deviam dar as costas para o público, e os rapazes deviam vestir tûnicas mais compridas que as habituais.

A censura durou até os anos 70, quando a *Symphony of Psalms* se tornou a primeira coreografia a ser aceita num espaço sagrado e foi apresentada no Oratório de Saint Joseph.

O maior tesouro do Les Grands Ballets Canadiens é seu precioso repertório. Desde os primeiros colaboradores, como Fernand Nault, Brian MacDonald ou James Kudelka, até a sua definitiva internacionalização, comandada por Colin McIntyre, que passou a organizar extensas turnês, o objetivo esteve sempre ligado ao desejo inicial de Ludmilla Chiriaeff: um olho no passado e outro no futuro do balé.

Hoje, a companhia tem obras dos mais importantes coreógrafos do século. Dança vários Balanchines, Kylians e Van Ma-



Escolha do programa já revela o perfil que sempre marcou Les Grands Ballets Canadiens: um repertório focado em balé, que não abandona a tradição do século 19, mas investe na produção contemporânea



Criada por Ludmilla Chiriaeff, a companhia interpreta trabalhos dos mais importantes coreógrafos deste século: investimento em talentos jovens e ousados

nens, apresenta clássicos modernos como *A Mesa Verde*, de Kurt Jooss, *A Pavana do Mouro*, de José Limón ou *Les Noces*, de Bronislava Nijinska, e investe em coreógrafos jovens e talentosos como Kevin O'Day, Itzik Galili, Ohad Naharin e Ib Andersen. Além, é claro, do invejável privilégio de ser uma das poucas a dançar obras de William Forsythe.

Atualmente, a companhia continua sendo comandada por Lawrence Rhodes, seu diretor artístico desde 1989. Nascido em West Virginia e educado em Detroit, dançou no Ballets Russes de Monte Carlo e em importantes companhias norte-americanas, entre as quais o Joffrey Ballet, o Harkness Ballet e o Feld Ballet.

Experiência — Rhodes acumulou grande experiência no ramo. Teve papéis criados por coreógrafos como Alvin Ailey, Lar Lubovitch, Brian MacDonald, John Butler e Maurice Béjart e dançou quase tudo do repertório tradicional. Foi professor e comandou o Departamento de Dança da Tisch School of the Arts, na New York University.

Provavelmente, é essa sua formação tão abrangente que mantém a companhia trabalhando com fontes tão diversas e a revitalizam.

Há pouco, em abril, o Les Grands Ballets Canadiens dançou no Sadler's Wells Theatre, em Londres, um programa de dar inveja ao que vai ser mostrado aqui. Entre outros quitutes, ofereceram *Quincunx*, criada por Mark Morris em 1995, com música de Donizetti; *Principia*, também de 1995, assinada por Kevin O'Day (ex-Twyla Tharp); *Double Time*, de Itzik Galili com música de William Sheller, de 1990; *Black Cake*, de Hans van Manen, de 1989; *Sinfonietta*, de Jiri Kylian e com música de Leos Janacek, de 1978; *The Moor's Pavane*, de Kurt Jooss, de 1949; e duas de Nacho Duato, *Duende*, de 1991, e *Rassemblement*, de 1990.

Maravilhas — Uma pena que, por usar música brasileira, o *Na Floresta*, de Nacho Duato, acabe funcionando como curinga nas turnês ao Brasil. Para nós, com certeza, uma outra escolha nesse repertório recheado de maravilhas traria mais informação.

Que um dia (que não esteja muito distante) as companhias que nós visitam sejam informadas de que o público brasileiro não é assim tão desinformado e é possível arriscar em vez de só apostar no sucesso garantido dos fogos de artifício dos pas-de-deux de bravura como esse, do *Don Quixote*, que a companhia traz desta vez.

Programa vai do clássico a Jiri Kylian e Nacho Duato

Repertório, que reflete filosofia do grupo, traz pas-de-deux e obra de influência folclórica

O Les Grands Ballets Canadiens repete o mesmo programa, com quatro coreografias, nos dois dias de apresentação em São Paulo.

Concerto para Violino de Stravinski (1972) — Balanchine explorou os quatro movimentos usando o primeiro, a toccata, para a introdução dos solistas, o segundo e o terceiro para os pas-de-deux e o último, o capriccio, para a apresentação de todos. Como em todos os outros Stravinski-balés que coreografou nesse período, também aqui Balanchine cria uma daquelas obras-primas em que leva o seu rigor ao limite, transmutando-o em pura beleza.

Don Quixote (1869) — Dançar pas-de-deux retirados de obras do repertório tradicional é sempre uma proposta equivocada. Tem como objetivo exibir o virtuosismo dos bailarinos, mas peca extamente porque impede que isso ocorra. Porque virtuosismo não deve se referir apenas à altura de saltos ou

à quantidade de piruetas. Uma vez que ao intérprete não é dada a chance de compor o personagem daquele pas-de-deux, ele pouco tem a oferecer além de um corpo desfilando passos mais ou menos bem feitos.

Missa do Soldado (1980) — Espécie de réquiem para todos os soldados que já lutaram por uma causa libertária. Aqui, Jiri Kylian usa a música que Bohuslav Martinu compôs às vésperas da 2ª Guerra Mundial para um coro da cidade de Haia. A coreografia amplia o apelo antinazista da obra de Martinu, transformando-o numa resistência a todas as formas de opressão. Conhecer essa obra depois da passagem do Netherlands Dans Theatre por São Paulo serve para ver uma protoassinatura de Kylian.

Na Floresta (1990) — Criado por encomenda do Les Grands Ballets Canadiens, esse foi o terceiro balé em que Nacho Duato se apoiou em fontes folclóricas, como em *Jardi Tancat* e em *Arenal*. Tem música de Villa-Lobos interpretada por João Carlos Assis Brasil e cantada por Ney Matogrosso, mas não está entre as melhores obras desse coreógrafo. (H.K.)

RIGOR
MARCA
'CONCERTO
PARA VIOLINO'